

— «Coincidência singular — nota Madame Rattazzi — trinta anos antes, quase dia por dia, o meu marido [Qual deles? O italiano Conde Urbano Rattazzi.] batia a esta mesma porta e vinha receber as últimas confidências de Carlos Alberto».

Por minha parte, posso acrescentar que em honra da princesa foi no Porto oferecido um baile pelos condes de Samodães, na sua casa da Rua do Sol, onde hoje se encontra instalada uma Escola Comercial do Estado. Sim, os «salões dos católicos Samodães» que «raras vezes se abriam, a não ser para festas íntimas de famílias», franquearam as suas portas para um baile de estrondo em honra de Madame Rattazzi!

Confesso que o não acreditaria se o não lesse, escrito em 1917, pelo falecido Conde de Paçô-Vieira. Também o não acreditaram as famílias do Porto, quando começaram a receber os convites para a festa:

— «Era lá possível que os católicos Samodães recebessem uma criatura, que além do mais, era *maçoa*?!»

Mas, a verdade, é que o baile se realizou. As senhoras para ele convidadas, fizeram porém uma pequena conspiração e combinaram não falar com a Princesa.

— «Eram dez horas [da noite, conta Paçô-Vieira] quando a Princesa chegou, muito decotada, coberta de jóias esplêndidas, e condecorações exóticas variadas. Não

se ouvia senão o bater dos leques que mãos nervosas abriam e fechavam constantemente. A Condessa [le Samodães], fazendo gentilmente as honras da casa, apressou-se a oferecer-lhe uma xícara de chá, que ela tomou de pé, conversando em francês, muito alto, por ser completamente surda».

As senhoras olhavam-na de longe, assustadas e escandalizadas... Não se dizia que ela, além do mais (*o mais* era a sua vida um pouco boémia de *princesa vadia*, na frase de Camilo) — não se dizia que ela, além do mais, era *maçoa*?!

Mas o Conde de Samodães havia previsto tudo. Quando a Princesa entregou a xícara a um criado, ofereceu-lhe o braço e levou-a a percorrer os salões. Seguiam-nos os convidados. E andando, andando, chegaram à porta da Capela da Casa.

Nisto... «oh! Surpresa das surpresas! a Princesa entra... mete ela própria a mão na pia da água benta, benze-se, e ajoelha-se em seguida, resando devotamente!».

O efeito deste inesperado espectáculo, sabiamente preparado pelo Conde de Samodães, foi maravilhoso! Fez dissipar imediatamente, nas suas timoratas convidadas, o receio de se aproximarem daquela a quem Camilo irreverentemente chamou a *pássara* e Junqueiro denominou de *Princesa Ratazana*!

A. DE MAGALHÃES BASTO.

Onde moro

Não é esta a minha Rua
embora nela resida
há mais de quatro dezenas.
Eu também nunca fui sua
nem lhe dei a minha vida
nem confiei as minhas penas.

A minha Rua é aquela
onde vim à luz do dia
num doirado mês de Outubro.
Dessa Rua, de aguarela,
trouxe comigo a poesia,
cuja origem eu não descubro.

Rua talvez sem História
que mereça que se conte.
— Conheço tantas, assim... —
Rua de suave memória,
a «Rua de Belomonte»,
pelo menos, para mim.

Eu sei que de lá saí
menina ainda de colo,
e raras vezes vou lá.
Mas a casa onde nasci,
— Só em vê-la me consolo! —
essa casa, ainda lá está.

Essa casa que idolatro,
fica à direita, quem sobe,
N.º 74.

Casa que bem se aproxima
de qualquer solene rima.

Por minha Mãe, sempre amada,
meu orgulho, minha glória,
eu sei que fui baptizada
na IGREJA DA VICTÓRIA.

E de tão simples maneira,
por estes bens de raiz,
sou, nobremente, tripeira,
e sou feliz.

Minha pedra de nobreza
— Ninguém imagine ou pense
ser a de ser portueza —
é a de ser portuense!

Amélia Vilar.



Rua de Belomonte (no primeiro plano, a casa onde nasceu a poetisa Amélia Vilar)

Desenho por Cruz Caldas.

10-1953
"O Tripeiro"